



## A Representação da Mineiridade na Obra Jornalística de Otto Lara Resende<sup>1</sup>

Douglas Caputo de CASTRO<sup>2</sup>

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG

### 1. Resumo

Este trabalho tem como objetivo verificar a representação da mineiridade nas crônicas de Otto Lara Resende publicadas entre 1991 e 1992 no jornal Folha de São Paulo. Parte-se de uma literatura especializada que caracteriza o sujeito mineiro e, por meio de estudos biográficos e de representação social, realiza-se uma análise de conteúdo evidenciando elementos que remetem à mineiridade nas crônicas do autor. O jornalista, portanto, vai ser descrito como um sujeito discursivo<sup>3</sup> da identidade mineira ao mesmo tempo em que se torna protagonista da construção simbólica de Minas Gerais.

**2. Palavras-chave:** Crônica, Identidade, Mineiridade, Representação Social, Otto Lara Resende

### 3. Introdução

Objeto deste trabalho, a representação da mineiridade na obra jornalística de Otto Lara Resende observa quais são os elementos que compõem o *ethos* do mineiro e como estes se encontram presente em suas crônicas. Com isso, mais do que estar conectado ao Estado por certidão de nascimento, a *Mineiridade* é uma representação simbólica que confirma as idiossincrasias dos sujeitos de Minas Gerais.

Otto Lara Resende nasceu dia 1º de maio em São João del-Rei. Filho de Antônio Lara Resende e Maria Julieta de Oliveira, o menino do bairro do Matola conviveu com mais quatorze irmãos. Em 1938, aos 16, mudou-se com a família para Belo Horizonte. Dois anos depois, estreou como jornalista no periódico mineiro “O Diário” e publicou o artigo “Panelinhas Literárias”. Em 1945, transferiu-se para o Rio de Janeiro. Além de jornalista, Otto ocupou cargos oficiais, foi adido cultural em Lisboa e Bruxelas e diretor de banco.

Mas sua vocação era mesmo para as letras. De sua obra constam as seguintes publicações: “O lado humano” (contos, 1952); “Boca do inferno” (contos, 1957 e 1998), “O

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 13 a 15 de maio de 2010; como resultado da pesquisa do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC/FAPEMIG/UFSJ.

<sup>2</sup> Douglas Caputo de Castro é graduado em Letras e estudante de Comunicação Social – Jornalismo – pela UFSJ – [douglascbc@gmail.com](mailto:douglascbc@gmail.com). O artigo tem como co-autor o professor Guilherme Jorge de Rezende, doutor em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) e coordenador do curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ).

<sup>3</sup> A perspectiva de sujeito discursivo é a mesma de HALL (2005). Isto é, alguém que, através do discurso e do símbolo, cria uma identidade.



retrato na gaveta” (contos, 1962); “O braço direito” (romance, 1964); “A cilada” (conto, 1965, publicado em "Os sete pecados capitais); “As pompas do mundo” (contos, 1975) “O elo partido e outras histórias (contos, 1991); “Bom dia para nascer (crônicas na Folha de S. Paulo, 1993); “O príncipe e o sabiá e outros perfis” (história, 1994); “A testemunha silenciosa” (novelas, 1995) e “Três Ottos por Otto Lara Resende” (perfis e entrevistas, 2005).

O autor ‘mais mineiro de todos’, segundo o jornalista Benício Medeiros (1998), sempre guardou na memória as imagens de sua terra natal. Por isso, Otto argumentava que “quem quiser descrever o universo tem que falar de sua própria aldeia. E minha alma é formada por sinos, igrejas barrocas e as imagens de infância em São João del-Rei”.

Esses símbolos são determinantes na obra de Otto já que evocam o sentimento de pertença a uma comunidade cultural singular. Como forma de averiguar esta especificidade do mineiro, o trabalho se baseia em: 1) estudos de mineiridade de Alceu Amoroso Lima citado por Ângelo (2005), Maria Arminda do Nascimento Arruda (1989), Simone Maria Rocha (2009) e Marcel Henrique Ângelo (2005); 2) nas teorias de identidade e representação social de Stuart Hall (2005) e Renato Ortiz (1985); 3) em estudos de cultura popular de Mikhail Bakhtin (1987) e 4) em estudos biográficos de Benício de Medeiros (1998), Humberto Werneck (1992) e Guilherme Jorge de Rezende (2001).

Em trabalho de doutorado na UFRJ, Rocha (2009), baseada em Dulci, argumenta que o mineiro é apegado à tradição, valoriza a ordem; a prudência, é contrário a posições extremistas, logo, é moderado, com espírito conciliador; tem capacidade de acomodar-se às circunstâncias enquanto efetua transações; tem habilidade e paciência como subterfúgios para o alcance de objetivos políticos com menor custo.

Pertencer às Minas Gerais, para Arruda (1989), é fazer parte de uma dimensão em que o tempo é particularizado. A autora define como mítica a construção temporal mineira. Já o pesquisador Alceu Amoroso Lima (LIMA *apud* ANGELO, 2005) acredita que este *ethos* é determinado pela geografia montanhosa de Minas. O par tempo/espço, então, torna-se essencial para se entender a mineiridade.

Mas há que se levar em conta o ‘mosaico cultural’ mineiro. O que fez com que Guimarães Rosa observasse que “Minas são muitas”. A pesquisa, assim, faz um



mapeamento da pluralidade mineira presente nas crônicas de Otto Lara com o intuito de identificar os elementos formadores deste *ethos*.

#### **4. Metodologia**

Em virtude da grande produção jornalística de Otto Lara Resende ao longo de sua vida – *Diário de Notícias*, *O Globo*, *Diário Carioca*, *Correio da Manhã*, *Última Hora*, *Revista Manchete* e *TV Globo* – a pesquisa delimitou um corte no *corpus* de pesquisa e tomou como referência de análise as crônicas produzidas diariamente para o jornal *Folha de São Paulo* entre 1º de maio de 1991 e 21 de dezembro de 1992<sup>4</sup>.

Contudo, como o *corpus* continuava demasiado extenso, delimitou-se outro recorte. Focalizou atenção nos textos publicados no livro *Bom dia para nascer* (1993), organizados por Matinas Suzuki Jr. Mas, como forma de operacionalizar este artigo, os resultados expõem estudos qualitativos de enunciados presentes em seis crônicas de Otto Lara.

O procedimento metodológico está baseado em análise de conteúdo de cunho interpretativo que verifica indícios de mineiridade presentes no discurso de Otto. Para isso, os textos foram decompostos em enunciados e investigados a partir categorias de mineiridade propostas por estudiosos da área, a saber: ser mineiro; conciliação, religiosidade sacro-profana e tradição mineira.

A escolha do *corpus* se justifica pelo que diz Rezende (2001) a respeito da estadia de Otto na *Folha* e o legado de seu trabalho. “Parte considerável dessas crônicas está preservada no livro *Bom Dia para Nascer*, (...) Fonte permanente de inspiração para os profissionais do ramo e um modelo indispensável para as novas gerações de jornalistas” (2001, p.93).

Assim, a natureza do método de pesquisa tem como objetivo descrever, através de levantamento qualitativo das crônicas de Otto Lara Resende, quais são os elementos de mineiridade que fazem do autor um sujeito discursivo da representação mineira.

#### **5. Revisão de Literatura**

##### **5.2 Sotaque mineiro, jornal paulistano**

---

<sup>4</sup> No período em que Otto esteve incumbido de escrever para a *Folha*, foram produzidas pelo menos 600 crônicas.



Foi no jornal *Folha de São Paulo* que Otto Lara Resende assumiria um cargo que ainda não havia ocupado. Sua responsabilidade era uma crônica diária na página dois do periódico o paulistano, lugar antes ocupado por Rubem Braga.

Receoso da nova função, Otto demonstrou uma rápida adaptação ao novo estilo. Rezende (2001) explica como ele modelou o texto às necessidades que nasciam. “(...) ele logo aprendeu a lidar com sua nova função. Com frases curtas, uma erudição nada pretenciosa, em que mesmo a palavra mais desconhecida ganhava ares de simplicidade, Otto abordava os mais diferentes assuntos com uma incrível desenvoltura” (p.93).

Otto conseguiu uma proeminência que ele próprio desconfiava. Verificada através das missivas<sup>5</sup> que recebia, a receptividade dele como cronista foi incontestável. Rezende (2001) lembra o êxito do articulista: “O sucesso veio imediatamente refletido nas dezenas de correspondências que passou a receber de seus leitores. Conforme pesquisa feita pela *Folha*, Otto tornou-se, em pouco tempo, um dos três cronistas mais lidos do jornal” (p.93).

Com um estilo que ia aos extremos, Otto personificava, segundo o colunista político Carlos Castelo Branco, “o contraponto humano, sensível, entre lírico e mordaz (...). Era um sopro de vida a circular por entre comentários ácidos de uma realidade nacional pouco estimável” (BRANCO *apud* REZENDE, 2001, p.93).

Conforme Matinas Suzuki, “Por essas trinta e poucas laudas diárias passaram os infinitos Ottos” (SUZUKI JR., 1993). Mas quem é esse Otto Lara Resende que possui muitas faces e ao mesmo tempo carrega *o sereno semblante da mineiridade* em sua obra?

Para responder a essa questão vai-se ao encontro das Minas Gerais *mítica*. O mito denota o engendrar de um *tempo cíclico*. Isto é, há uma voz que sempre recorre aos diferentes tempos da história para produzir no imaginário a representação da mineiridade. Arruda (1989) explica que o quadro mítico do mineirismo ocorre pela produção discursiva que sempre volta ao passado. Os memorialistas buscam o pretérito com o intuito de construir um sentimento de identificação.

Lima (*apud* Ângelo, 2005) atribui à *configuração geográfica* do Estado a formação da identidade mineira. Para ele, as condições que determinam as idiosincrasias do povo mineiro são o reflexo de uma vida cercada pelas montanhas. A formação montanhosa

---

<sup>5</sup> Uma das paixões de Otto era escrever cartas. Segundo Rezende, o missivista de São João del-Rei respondia a todos que lhe endereçassem nem que fosse um bilhete



definie o ritmo lento, a vida sóbria e difícil, a concentração sobre a irradiação, a pequena coletividade.

Outro elemento da mineiridade ligado à montanha, segundo Lima, citado por Ângelo (2005), é a *melancolia*. “Os efeitos de uma paisagem constituída por montanhas negras, montanhas que parecem estarem pesando sobre o coração dos homens, só poderiam realçar os efeitos da tristeza (...) O mineiro é triste”. (LIMA *apud* ARRUDA, 1989, p.126) Assim, Lima acredita que a montanha, irremediavelmente, repercute na principal característica do mineiro: a “*fleuma*”.

Não obstante, o autor de ‘*As vozes de Minas*’ define que ao lado da fleuma está presente outro recorte psicológico da alma mineira: “o *humour*”. Isso quer dizer que “o mineiro não ri muito em público”, mas que possui um riso interior plácido. Por isso: “o mineiro é extremamente malicioso e jeitoso, parecendo sempre o contrário” (op.cit.).

A *ponderação*, outra característica dos mineiros, criou as condições propícias para uma atuação na vida política. Já que o mineiro é sereno, sua atuação nos meios oficiais é vista através da prática da *conciliação*. Ao estudar o discurso de Aécio Neves em dissertação de mestrado da UFSJ, Ângelo (2005) acredita que a representação do político mineiro é formada por pares antitéticos, mas que não se anulam: “(...) paradoxal misto de placidez, com impetuosidade, de aparente ingenuidade e ardilosa habilidade e, sobretudo, o conservadorismo com moderação” (p.39). O mineiro, portanto, é visto como aquele sujeito polarizado, mas que aposta na ponderação para alcançar seus objetivos políticos.

### **“As muitas Minas”**

Um ponto imprescindível para este trabalho é a *teoria da representação social*. Cotejaram-se textos de Ortiz (1985) e Hall (2005) como forma de se averiguar o problema das identidades. Os dois estudiosos afirmam que a tradição é fundadora da representação. Para Ortiz (1985), “a cultura brasileira dentro desta perspectiva é vista como o conjunto de valores espirituais e materiais acumulados através do tempo” (p.96). Ao passo que Hall (2005), ao citar Giddens, observa que: “A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes” (GIDDENS *apud* HALL, p.14-5).



Importante elemento da mineiridade, a *tradição* integra no discurso dos mineiros. Com olhos voltados para o passado, o povo de Minas Gerais busca os grandes feitos de sua terra e de seus homens para compartilhar sua identidade. Um exemplo clássico é a figura de Tancredo Neves. Comparado ao mártir Tiradentes, o político de São João del-Rei personificou, quando eleito presidente em 1985, os ideais de liberdade já pregados na Inconfidência. Além disso, sua morte é comparada ao sofrimento de Jesus no Calvário, o que torna Tancredo ‘salvador da pátria’.

Contudo, um fator que é unânime entre os autores pesquisados, trata-se da *pluralidade cultural* de Minas Gerais. Formado por um cadinho cultural, a história do Estado confunde-se com a história de seu povoamento e com a influência de seus vizinhos. Rocha (2009), ao citar Diegues, aponta quatro regiões culturalmente distintas em Minas:

- 1) Região Central: berço da mineração e a única que carrega consigo os traços contidos no discurso da mineiridade;
- 2) Norte e Nordeste: cuja influência viria sobretudo da Bahia;
- 3) Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba: São Paulo e Goiás, donde surge a idéia da produção do caipira do centro do Brasil e
- 4) Sul de Minas: ligado a São Paulo (DIEGUES *apud* ROCHA, 2009).

Essa convivência pluralizada engendrou outro traço típico da mineiridade: o *sincretismo cultural*. Comum em Minas, várias modalidades de cultura se juntam e criam eventos únicos. Em São João del-Rei, cidade natal de Otto Lara Resende, o carnaval dessacraliza a morte quando leva para a rua o ‘Bloco dos Caveiras’. Trata-se de um cortejo fúnebre que brinca com o passamento em plena ‘festa de Momo’.

Para Bakhtin (1987), desde a Idade Média e Renascimento que a junção de culturas de vias diferentes se complementam para formarem uma estrutura sincrética, ambivalente. O autor afirma que este sincretismo provocou a carnavalização da cultura. “A influência da cultura popular nos ritos oficiais é incontestável. (...) Não era por acaso que São Francisco designava nas suas obras a si e a seus companheiros pelo nome de ‘jograis do Senhor’ (...) qualificada de catolicismo *carnevalizado*” (1989, p.50).

A análise que segue, portanto, verifica o discurso da mineiridade em um sujeito que, segundo Medeiros (1998), ao mesmo tempo convivia com um “Otto exibido, das tiradas de espírito e das frases de efeito, [com um] Otto inacessível, noturno, trancado em si mesmo, arredio às vezes até aos mais próximos” (p.15).



#### 4. Análise dos resultados

Dividida em categorias, esta análise verifica quais as feições dos mineiros estão presentes nos textos de Otto. A primeira parte faz uma caracterização do que é ser mineiro. A segunda cuida da *conciliação*. A terceira parte incide sobre a *religiosidade*, elemento muito forte em Minas e que carrega consigo o símbolo da *fé*. E, por fim, trabalha-se com a *tradição*. Representada pelo apego à *família*, às *origens* e à memória.

##### 4.1 O Ser Mineiro

###### O melhor é ser mineiro, RJ, 25/11/1991

Essa crônica é de extrema importância para o estudo de Otto enquanto personagem da mineiridade. Na introdução, aparece uma das principais vocações do povo mineiro: ser político.

Na entrevista que o repórter André Petry fez com o governador de São Paulo, nas páginas amarelas de *Veja*, Fleury elogia Collor e Quéricia, critica os juros altos e fala bem do Marcílio. <<O senhor não fala mal de ninguém?>>, perguntou o repórter. Resposta: <<Isso não adianta muito. A situação é tão grave que não é preciso citar nomes ou criticar pessoas. Hoje a melhor forma de se comportar em política é ser mineiro>> (RESENDE, p.174).

Fleury, ao afirmar que o bom político é o mineiro, demonstra que não falar mal de ninguém faz parte da representação simbólica deste *ethos*. Ou seja, ser ponderado e saber agir quando for necessário, com uma postura que seja capaz de garantir a unidade nacional. Assim, pratica-se a *conciliação*.

O governador não explica, nem o repórter indaga o que é ser mineiro. Por certo não é nascer em Minas. Pelo jeito a metáfora é tão clara que nem precisa de esclarecimento. Que diabo será <<ser mineiro>>, pergunto eu, mineiro de quatro costados, nascido e criado em São João del-Rei. Não sei se vocês se lembram do Rubião. Machado de Assis assim o define no *Quincas Borba*: <<Singelo como um bom mineiro, mas desconfiado como um paulista>> (Id.Ibid.).

Apesar de considerar a metáfora óbvia, ela não explica muita coisa. Afinal, quais atributos conferem ao indivíduo o título de mineiro? É atrás dessa resposta que Otto vai caminhar durante o texto. Mas uma primeira pista já nos é dada: o mineiro é diferente do paulista.



O romance, uma obra-prima, é de 1981. Um século. Quem diria hoje que o paulista é desconfiado? Que o mineiro é singelo, talvez, por causa daquela história de comprar bonde. Mas até os bondes acabaram e não foram vendidos para Minas. As palavras vão passando por variações semânticas no curso do tempo. Para Eduardo Frieiro, em seu *Feijão, angu e couve*, não existe ‘o’ mineiro, como o viu Tristão de Atayde em *A voz de Minas*. É só um estereótipo. É o que também sustenta Francisco Iglésia. (Id.Ibid)

Ao nosso ver, ser mineiro é muito mais do que um estereótipo. O ser de Minas possui uma carga simbólica que não pode ser definida como apenas um arquétipo. Ele se explica pela história, pelos grandes feitos do passado, por um enleio mítico, em que os episódios dos tempos idos são sempre revisitados, como o faz Otto no parágrafo seguinte:

Por causa do ouro, Minas teve uma formação eminentemente urbana. Foi obrigado a cultivar astúcia, paciência e teimosia, diz Syvio de Vasconcelos em seu *Mineiridade*. Isso não justifica, porém, que se veja no mineiro só ronha e esperteza. Ou um sujeito sem caráter, bifronte e oportunista. Murista, como se diz hoje. Afinal, de onde era o Tiradentes? Qual o papel de Minas na Revolução de 1930? Em 1937, um único ministro se opôs ao golpe: Odilon Braga, mineiro. Contra a ditadura foi o Manifesto dos Mineiros, de 1943 (Id.Ibid.).

Ao citar figurões da história mineira, Otto acaba por afirmar que de fato existe uma identidade mineira. E arrola os seguintes atributos aos homens das *Geraes*: astuto, paciente e teimoso. Mas, que ao mesmo tempo, não é sem caráter. Ele tem um passado glorioso e libertário, inclusive com Manifesto<sup>6</sup>. Sua participação na política é bastante importante. Assim, Otto vai chegando a um veredito do que é ser mineiro.

Por ocasião do AI-5, Pedro Aleixo, mineiro, não mandou às favas os seus escrúpulos. Ergueu sua voz solitária contra o monstro. O general Lott era mineiro de Sítio. Em 1954, o mineiro Tancredo propôs a resistência aramada na dramática reunião que precedeu o suicídio do Getúlio. Em 1964, o estouvado general Mourão Filho era mineiro. Magalhães Pinto no governo tomou partido. Mineiro é um quixote com Sobral Pinto. De São João del-Rei, é o procurador geral Aristides Junqueira. Como era Gabriel Passos. Que história é essa de ser mineiro? (Id.Ibid.)

Otto apresenta um problema: o que é ser mineiro? Parece que a polifonia de políticos do Estado desconstrói o que disse Fleury no início da crônica, que o bom político é o mineiro que prefere o silêncio. Mas, não resta dúvida de uma coisa: o mineiro congrega atributos que o diferencia de pessoas de outros Estados. Como o próprio Otto citou, o

---

<sup>6</sup>Publicado por 78 políticos de Minas Gerais em 1943, o Manifesto dos Mineiros é um documento que repudia o totalitarismo e reafirma ideais democráticos.



homem de Minas sempre esteve presente em momentos de crise, seja através da conciliação ou da polêmica. De um jeito ou outro, portanto, deixa claro uma condição que acompanha os homens públicos de Minas: fazer a revolução.

#### **4.2 Conciliação**

Um dos aspectos do *ethos* da mineiridade é a *conciliação*. Essa feição do mineirismo pode ser vista na ambivalência dos pares: rebeldia/cordialidade, sacralização/profanação e hospitalidade/introspecção.

A conciliação caracteriza-se pela ponderação e capacidade de tornar amenas situações conflituosas. Atribuída aos políticos de Minas, esta característica também é patente em Otto Lara Resende. “Visceralmente conciliador”, como o próprio o autor se definia, ele “exerceu assim essa missão política – que, na verdade, mais tinha mesmo era de cristã – de aliviar as tensões e promover a fraternidade” (Rezende, 2001, p.85), conforme nas crônicas abaixo:

#### **Eu sou mais o Rodrigo, RJ, 26/10/1991**

A crônica começa com a posição extremista de Getúlio Vargas, gaúcho, em relação aos movimentos de classe que apareciam no Brasil. Um deles, em Minas Gerais, mostrava que o governador mineiro mantinha uma postura diferente do presidente. Preferia a ponderação:

Quando Milton Campos era governador de Minas, os ferroviários da Rede Mineira de Viação entraram em greve. (...) O Estado Novo ditatorial tinha imposto um jejum rigoroso aos operários em matéria de greve. Getúlio era o ‘pai dos pobres’, mas greve não. (...) Ninguém agüentava mais a tolerância do governador (RESENDE, p.117).

Ao dizer que o governador de Minas era tolerante com os grevistas, criou-se a figura de um político ponderado, conciliador, que procura agradar aos interesses de classes diferentes. Como fica evidente no enunciado a seguir: “O consenso estava formado: mandar a polícia acabar com a greve e estabelecer o tráfego dos trens. Foi quando o governador docemente perguntou: ‘Ô gente, não seria melhor mandar o trem pagador?’” (Id.Ibid.)



Nesse trecho, é interessante o discurso do governador: ao invés de punir, pagar os trabalhadores. É um ato que busca conciliar diferentes jogos de interesses em uma situação tensa.

Otto se valeu ainda de outra estratégia. Reproduziu o modo de fala do governador com seu sotaque “caipirês”: *Ô gente//trem pagador*. Assim, além de juntar elementos como a conciliação e a rebeldia, Otto produz um enunciado, que busca no modo de falar, o jeito mineiro de ser.

Outra crônica que exercita a conciliação traz um jogo de cartas como pano de fundo para a astúcia dos mineiros:

### **Astúcia, sorte e blefe, RJ, 27/07/1991**

A crônica começa expressando a rebeldia típica dos mineiros: “Chamem-me quando chegar a hora do tiroteio no *saloon*” (Resende, p.115). A metáfora refere-se aos “jogos” políticos de Fernando Collor de Mello e Orestes Quéricia.

Em seguida, o cronista rememora sua juventude em Minas: “Suponho que não seja diferente do truco mineiro, que aprendi quando menino. Jogo plebeu, mas ilustre, está no Jorge Luis Borges”. (Id.Ibid.) Daí, uma das passagens políticas mais importantes para esta análise:

Divertido, o jogo se baseia tanto na sorte como na esperteza, ou seja, no blefe. Até parece coisa de político mineiro... Para blefar com sucesso é preciso mais do que a *pocker-face*. O silêncio é dispensável. Conforme o caso, convém falar e até gritar. O desafio pode ser aos berros. Lá em São João del-Rei aparecia na minha casa às vezes para jogar o jovem promotor público. Não me lembro se jogava bem, mas levava jeito. Chamava-se Tancredo de Almeida Neves” (Id.Ibid.).

Nesse ponto, Otto diz que, como no truco, os políticos mineiros devem saber blefar, ser espertos. E já que o silêncio é dispensável, percebe-se um tom revolucionário nas personagens da vida pública de Minas. O que pode ser atribuído a Tancredo Neves, uma vez que foi o líder do movimento pelas “Diretas Já”. Por outro lado, o blefe é saber ludibriar, é saber negociar a favor de um dado interesse. Dessa forma, o truco pode ser entendido como uma maneira de *conciliar* em momentos de tensão, o que foi feito por Neves naquela época.



No último parágrafo, pode se ver a representação de jogador que Tancredo assume: “O jogador precisa ser calmo e dissimulado. O furto é aceitável, desde que imperceptível. E que o jogo não seja a dinheiro” (Id.Ibid.). Assim, o mineiro deve exercitar, junto à conciliação, outras duas representações simbólicas da mineiridade: a fleuma e a esperteza.

### **4.3 Religiosidade Sacro-Profana**

Muito comum em Minas, é a união do sacro com profano. Festas religiosas são carnavalizadas e o carnaval assume feições sérias. Otto explora esse argumento em seus textos, como na crônica seguinte:

#### **Sermãozinho de cinzas, RJ, 05/03/1992**

O próprio título deste texto já é uma referência à mineiridade: trata da Semana Santa. Mas o que chama a atenção é como Otto consegue dar ao carnaval – festa pagã – o nome de festa religiosa: (...) Alegria coletiva, com data marcada, tristeza solitária. Evolui, como uma escola de samba, mas não acaba o carnaval. Todo ano, no entanto, há uma voz para dizer que acabou. Morreu, não é mais o mesmo, diz o saudosista, quaresmal” (Resende, p.28). Atento ao sincretismo entre festas eclesiásticas e laicas, Otto Lara faz do carnaval um lugar sagrado, mas cinzento como convém aos mineiros.

Por fim, chega-se ao elemento *religiosidade*, responsável pela fé e pelo par morte/angústia. Em Minas, a cultura religiosa é bastante intensa. Sobre as almas mineiras, a herança colonial do barroco. Igrejas imponentes que têm o signo da morte em sua estrutura. Cemitérios dentro e fora delas<sup>7</sup>. Otto vivenciou isso tudo e trouxe para seus textos essa angústia e religiosidade.

#### **A chave do mistério, RJ, 28/07/1991**

Eis a chave do enigma: tudo é coincidência, desde a criação do mundo, qualquer que seja sua teoria ou crença. A vida é isto: incidências simultâneas que obedecem a uma ordem. Também a morte. Chamem essa ordem de primeiro motor, ou Providência. Ou Deus. Já não há mistério nem enigma.” (RESENDE, p.18)

---

<sup>7</sup> Nas Igrejas Barrocas de São João del-Rei, foram construídos cemitérios em seus assoalhos e em seus adros. Apenas os membros pertencentes à irmandade da Igreja podiam ser enterrados lá.



Otto evoca dois elementos intrínsecos aos mineiros: Morte e Deus. Peculiar a algumas cidades mineiras, a tradição da arquitetura barroca personifica um Deus mórbido, o que faz da morte um elemento sempre presente. Otto cresceu em São João del-Rei, conviveu com esse cenário que *expira* grandioso.

Isso quer dizer que faz parte do *ethos* mineiro uma aproximação com a melancolia, vivenciada pela pesada aura do cenário local. São montanhas que ‘aprisionam’ e exigem parcimônia nos atos dos mineiros, ao mesmo tempo em que sinos, cemitérios e uma vocação para a religiosidade medieval povoam simbolicamente os indivíduos de Minas.

Ao definir Otto Lara Resende como um “católico angustiado”, Medeiros (1998) acentua que essa formação religiosa do cronista é indissociável de seu texto:

Os seus livros são produtos dessa vertente sombria de sua personalidade. É neles que se exhibe por dentro. [sua infância] povoada de tédio, de culpa e de cânticos à sombra e à luz de centenárias igrejas. Retratou com graça, humanidade e economia de recursos o pedaço de um Brasil mítico onde os personagens transitam entre a mentalidade de chã e a transcendência dourada do barroco (1998, p.15).

Por isso, o cenário barroco do Estado e a devoção ao religioso vão formar essa tendência angustiada do mineiro.

#### **4.4 Tradição Mineira**

Nesta modalidade é importante que se tenha em mente que Otto recorre ao passado, tanto na busca de sua origem quanto nos feitos grandiosos de homens de Minas. Por conta disso, elementos como família, origem, estudo das humanidades e memória, serão recorrentes:

#### **Chegamos juntos ao mundo, RJ, 03/07/1991**

Esta crônica é uma das que apresenta mais elementos da mineiridade expressos por Otto Lara. “Sou [Paulo Mendes Campos] um sujeito familiar, que gosta das pessoas do seu sangue e do time de amigos que foi formando pela vida afora”. (CAMPOS *apud* RESENDE, p.107)

Das muitas passagens de Paulo Mendes Campos (PMC) que Otto podia citar, ele escolheu justamente esta, em que o companheiro de infância relata sua afinidade com seus



familiares e amigos. Conforme Arruda (1989), uma das características dos mineiros é o apego aos próximos e, em contrapartida, certo distanciamento com o estrangeiro. O enunciado de PMC reflete o que Otto sente. Afinidade com aqueles muito próximos. “Chegamos juntos ao mundo, ele e eu. Dezesesseis anos depois, ele e eu concluíamos em São João del-Rei o que então se chamava, e era, o curso de humanidades. É bem provável que nos tivéssemos por preparados. Para quê? Para a vida. E Logo para as letras” (RESENDE, p.107) .

Otto faz uma citação explícita ao seu berço, São João del-Rei. Mas tem-se um elemento que chama a atenção nesse trecho: “humanidades”. Arruda (1989), ao citar Burton, argumenta que em Minas gestou-se uma tendência para o aprendizado das letras, já que a ciência moderna, como a mecânica, não chegava à província. Por isso, como “neolatinos”, os mineiros se dedicaram ao estudo das humanidades.

Retomando a crônica, Otto faz um passeio em Belo Horizonte e recupera pela memória imagens da capital mineira, local em que viveu parte de sua juventude:

Há quarenta e oito horas, em Belo Horizonte, me dei conta de que me encontrava no que hoje lá se chama o Savassi. Meu irmão Márcio parou o carro e descemos. A pé, passo a passo, fui reconstituindo o que era no nosso tempo o Abrigo Pernambuco. Onde está a casa do Paulo? Desorientado, eu confundia Paraúna com Cristóvão Colombo, ou Contorno. Até os nomes desapareceram. Como se chama esta praça? (RESENDE, p.107)

Graças à memória escrita de PMC que Otto consegue rever os caminhos que fazia em outras épocas: “Ainda bem que nas crônicas e poemas do Paulo reencontro a nossa Belo Horizonte. E o adro da Igreja São Francisco de Assis, em São João del-Rei. O nosso primeiro universo. Nossa pátria pequena, Minas” (Id.Ibid.).

Quando o cronista enuncia “Nossa pátria pequena, Minas”, o Estado, na realidade, está na memória de um narrador distante que recorre às lembranças para matar a saudade de sua terra natal. Assim, mesmo longe, suas reminiscências não o deixam à parte daquele lugar que povoa seu passado e se faz presente pela reconstrução simbólica de sua “pátria pequena, Minas”.

No final, Otto revela que PMC estava morto. Uma crônica devotada à memória de um grande amigo e também uma contribuição à identidade mineira.



## 5. Considerações finais

No *encontro marcado* com a mineiridade, Otto Lara Resende toma lugar numa poltrona de primeira classe do trem que percorre a *identidade do ser mineiro*. E não podia ser diferente, já que num *bom dia para nascer*, Otto é iluminado por uma cosmologia que trata justamente da representação da mineiridade.

Religioso, devotado à família e às origens, de riso comedido e críticas escancaradas, Otto personifica, com extrema fluidez dos sentidos, o que é ser um mineiro. Apesar de carregar consigo o recato do povo de Minas, Otto Lara Resende não passou despercebido durante os setenta anos em que viveu (1922, 1992).

No teatro, e depois no cinema, mesmo contra sua vontade, Otto foi imortalizado por Nélson Rodrigues na polêmica peça “Bonitinha, mas ordinária, ou Otto Lara Resende”. Ou na fina ironia rodrigueana “que o mineiro só é solidário no câncer”. Nas redações dos jornais, seu nome causava admiração aos que iniciavam carreira.

O “pobre menino do Matola, de São João del-Rei” (Resende, 1994, p.203), deixou como legado a identificação simbólica com Minas Gerais. Assim, qualquer teoria de representação das idiossincrasias dos mineiros incide diretamente sobre o discurso do escritor “mais mineiro de todos”, segundo Medeiros (1998). Suas obras, recheadas de “*uais*”, são o elemento vivo que corroboram que a mineiridade é algo pertinente e não simplesmente um capricho de um povo que nasceu junto aos ideais de liberdade.

Diletante às avessas, seu trabalho transpirava um prazer explícito de desenhar suas memórias, recordações. Por conta disso, talvez não seja absurdo dizer que a *Voz Minas*, a verdadeira *voz das montanhas*, tenha encontrado em Otto Lara Resende o aparelho fonador ideal.

Minas é uma pequena pátria dentro de outra pátria maior que é o Brasil. Apesar da aparente idéia de unidade, “Minas são muitas”, o que quer dizer que ela apresenta um pluralismo cultural intenso.

As crônicas produzidas por Otto, portanto, reúnem essa vastidão mineira e trazem à tona os vários elementos simbólicos que tecem a experiência do ser mineiro. Assim, as imagens que se formam de Minas Gerais, são coloridas e extremamente ricas de símbolos que marcam a construção de um Estado que foi projetado aos poucos, por diferentes mãos.



Por isso, qualquer tentativa de se fechar uma teoria pronta para a mineiridade seria inviável. Diante do quadro de pluralismo cultural que apresenta Minas, a alternativa que resta é pincelar algumas, das muitas idiossincrasias que compõem a ‘identidade’ – não acabada - do mineiro.

## **6. Referências bibliográficas:**

ANGELO, Marcel Henrique. Vozes das montanhas: A representação social do político mineiro em textos de Aécio Neves. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, maio de 2005.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Mitologia da mineiridade. O imaginário mineiro na vida política e cultural do Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch . A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC; [Brasília]: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro – 10. ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

MEDEIROS, Benício. Otto Lara Resende: a poeira da glória. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Prefeitura, 1998.

ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

RESENDE, Otto Lara. Bom Dia para Nascer: crônicas. Matinas Suziki Jr. org.. Sao Paulo: Cia das Letras, 1993.

RESENDE, Otto Lara. O príncipe e o sabiá: e outros perfis. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

RESENDE, Otto Lara. Três Ottos por Otto Lara Resende. Tatiana Londo dos Santos org.. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2002.

REZENDE, Guilherme Jorge de. Otto Lara Resende.Visceralmente conciliador. Ensaio publicado na Revista Imprensa n<sup>o</sup> 161, junho de 2001.

ROCHA, Simone Maria. Identidade Regional, Produção e Recepção: a “mineiridade” na televisão. Rio de Janeiro: Revista Semiosfera, ano 3, n<sup>o</sup> 4 e 5. Disponível em [www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera45/conteudo\\_rep\\_srocha.htm](http://www.eco.ufrj.br/semiosfera/anteriores/semiosfera45/conteudo_rep_srocha.htm). Acessado em 27/10/2009.

SABINO, Fernando. O encontro marcado. 74 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

WERNECK, Humberto. O desatino da rapaziada: Jornalista e escritores em Minas Gerais. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.